OS PERIGOS DO RELATIVISMO[1]

LUÍS R. CARDOSO DE OLIVEIRA

Sem sombra de dúvida, a monografia de Needham coloca problemas interessantes, em relação ao conhecimento das sociedades e da natureza humana, que ainda não foram devidamente enfrentados pela antropologia social e disciplinas afins. Nesta resenha, tentar-se-á dar uma idéia sintética do livro, analisando-se aqueles problemas que nos parecem mais relevantes e as conclusões do autor.

Partindo da pergunta feita por Wittgenstein; "a crença é uma experiência?" ("Is belief an experience?") e com auxílio de material etnográfico, o autor desenvolve uma reflexão sobre as alternativas e possibilidades de investigação das capacidades essenciais do homem, que a seu ver, foram negligenciadas pela antropologia social, através de uma perspectiva comparativa.

Segundo Needham, a categoria "belief"[2] encontrada, com freqüência, na literatura antropológica é utilizada de maneira acrítica e sem uma definição explícita sobre o seu significado, provocando confusões e perdendo o seu valor substantivo; é muito comum dizer-se que tal povo "believe" (crê) nisto e naquilo, ou que tem estas e aquelas "beliefs" (crenças), mas não se consegue saber ao certo o que o interlocutor quer dizer com isto. Algumas vezes, como no caso do trabalho de Evans-Pritchard sobre a religião dos Nuer, citado por Needham (p. 14), afirma-se tratar-se de um estado in-

---

1 Resenha do livro de Rodney Needham: *Belief, Language and Experience* — editado por Basil Blackwell, Oxford, 1972, 269 pp.

2 Preferimos utilizar o conceito em inglês, ao invés de traduzi-lo por crença, por acreditarmos que, assim fazendo, estamos sendo mais fiéis ao pensamento do autor, que enfatiza a especificidade do conceito na língua inglesa (p. 171 e seguintes).

terior da mente ou de uma experiência espiritual, mas o mistério continua. Afinal, pergunta o autor, que estado interior é este, ou que experiência é esta vivida pelos Nuer quando afirmam que "believe" (creem) em suas entidades espirituais?

Para responder a estas questões fundamentais, Needham divide o seu empreendimento em duas etapas: a) primeiramente, procura desvendar o significado de "belief" na língua inglesa, tentando identificar a que tipo de experiência o conceito se refere; e, depois, b) investiga a rentabilidade do conceito quando aplicado a outras sociedades e/ou a existência desta presumida capacidade fundamental do homem. Na primeira etapa o autor recorre, principalmente, ao trabalho dos filósofos, onde sobressai o trabalho de Wittgenstein que, ao lado de Levy-Bruhl, teve grande influência na confecção deste livro.

Em busca de uma definição operacional para "belief", o autor utiliza quatro capítulos (4, 5, 6 e 7) [3] desenvolvendo uma longa e sistemática discussão sobre o assunto. Começa fazendo uma verdadeira arqueologia do conceito, investigando sua origem lingüística e tentando captar todas as suas significações. Feito isto, uma pequena apresentação do pensamento de seis filósofos (Hume, Hampshire, Kant, Wittgenstein, Griffiths e Mayo) introduz sua discussão quanto aos critérios para a definição do conceito. Nesta seção, tentando desvendar este suposto "modo de discriminação da experiência" e os aspectos comuns que caracterizam o conceito em todas as suas utilizações, Needham procura enfrentar o problema de diversas maneiras; mas não nos parece que ele tenha sido bem sucedido em nenhuma. "Belief" não se confunde com a faculdade de "desejar", não se relaciona com o sentimento de "necessidade", não diz respeito à "realidade" (veracidade) das coisas, e assim por diante. Concluindo pela inexistência de critérios da determinação desta "experiência" o autor questiona o conceito como tal. Se um conceito é a idéia de uma classe de objetos, que classe seria esta cuja característica comum dos objetos nela integrados seria ausência de critérios para defini-los?

> ... O nome da classe que estamos examinando é "belief". Quais são as características definidoras desta classe? Não fomos capazes de descobrir qualquer critério distintivo, e ficou pro-

[3] Nos três primeiros capítulos o autor se limita a introduzir o problema que norteia a sua investigação.

vado ser difícil conceber que a palavra, realmente. denote qualquer classe homogênea de objetos fenomênicos, sejam eles proposições, estados interiores, ou sinais externos.[4]

Atacando a posição de que os membros de uma classe têm que ter, pelo menos, um aspecto comum, Needham se apoia na afirmação de Wittgenstein de que alguns conceitos são constituídos através de um processo denominado "family likness" (p. 112), promovendo uma discussão interessante sobre o tópico.[5] Para dar um exemplo deste processo, utiliza uma análise de Wittgenstein do conceito de jogo cuja semelhança com "belief" é o fato de caracterizar uma classe de objetos que não se definem por um aspecto comum, isto é, não existe uma característica comum a todos os tipos de jogos mas, apenas uma semelhança entre eles:

> E o resultado deste exame é: nós vemos uma complicada rede de similaridades se sobrepondo e se entrecruzando: às vezes similaridades totais, às vezes similaridades de detalhe.[6]

Entretanto, "belief" não pode ser enquadrado nesta perspectiva (family likeness) pois, como o autor mostra nos capítulos anteriores, (e ao contrário do que ocorre com o conceito de jogo) não existem critérios para definir o conceito, isto é, nenhum aspecto atribuídos a "belief" resiste a um questionamento mais sitemático.

Frente a esta dificuldade de definir o conceito ("belief"), Needham procura atacar o problema através da linguagem:

> A força convencional das expressões de "belief" é o fato de serem tomadas como comunicadoras de uma experiência distinta e específica; entretanto, os resultados cumulativos de nossa investigação argumentam, com insistência, que nós pegamos esta idéia, não da introspecção experimental, mas da

---

[4] "...The name of the class that we are examining is "belief". What are the defining feature of this class? We have not been able to discover any distinctive criteria, and it has proved hard to concieve that the word really denotes any homogeneous class of phenomenal objects, whether these be propositions inner states, or external signs..." (p. 109).

[5] Neste ponto, Needham discute a posição de Wittgenstein ao lado da de Vygotsky cuja reflexão também foi inspirada na composição fotográfica de Galton (p. 110).

[6] "And the result of this examination is: we see a complicated network of similarities overlapping and criss-crossing: sometimes overall similarities, sometimes similarities of detail" (p. 115).

palavra e das convenções lingüísticas pelas quais sua utilização é governada. [7]

e, mais adiante, citando Wittgenstein;

A gramática nos diz que tipo de objeto alguma coisa é. [8]

Aqui, também, a conclusão acaba sendo a mesma — negativa. Tentando substituir "belief" por outros conceitos (expectativa, suposição, incerteza, etc...), nas frases em que é utilizado, descobre-se que a substituição é parcial e que sempre se perde algo importante da idéia original contida nas frases de "belief". O autor ainda pergunta quanto à possibilidade de se estudar o fenômeno, através deste método, naquelas sociedades (ou línguas) onde não existe um conceito específico que contenha a idéia de "belief". Nestes casos, a melhor alternativa seria lançar mão do conceito de "covert categories" desenvolvido por Whorf, de acordo com o qual existem algumas noções latentes, com significado sutil e "... não devem ter 'overt mark' além de certas 'reatâncias' distintivas com certas formas 'overtly marked'". [9] Contudo, parece que, além da possibilidade formal, este caminho também não desperta novas esperanças para a resolução do problema.

Em determinado momento desta discussão, sobre as utilizações de "belief" na linguagem, Needham cita, mais uma vez, Wittgenstein acentuando que os problemas, até aqui encontrados, são comuns à situação de outros verbos psicológicos (psychological verbs):

... Seu uso sempre aparece confuso, também, mas a este respeito é meramente semelhante a outros "verbos psicológicos", e, com tais verbos, nem poderíamos esperar qualquer outra coisa... [10]

Este problema de semelhança entre os verbos psicológicos nos introduz ao capítulo 8 (Resemblances) que, a nosso ver, faz a tran-

[7] "The conventional force of expressions of belief is that they are taken to report a distinct and specific experience; yet the cumulative results of our investigation argue insistently trat we get this idea, not from experimental introspection, but from a word and from de linguistic conventions by which its use is governed" (p. 122).

[8] "Gramar tells us what kind of object something is" (p. 126).

[9] "... may have no overt mark other than certain distintive 'reactances' with certain overtly marked forms" (p. 128).

[10] "... Its use often appears confused, also, but in this regard it is merely like others psychological verbs, "nor", with such verbs, "can we expect anything else"..." (p. 123).

sição entre as duas partes do livro que mencionamos acima. Se, até aqui, a perspectiva comparativa esteve presente ao longo da discussão sobre o significado de "belief", é somente agora que o autor coloca como tarefa discutir a questão da universalidade de "belief". Discorrendo sobre as capacidades essenciais do homem (aquelas que são encontradas em indivíduos de todas as sociedades), Needham assinala a dificuldade do empreendimento e questiona a possibilidade de constatação de um estado interior de "belief", comparando o conceito com outros verbos psicológicos. [11]

Assim como "belief", "believe", pensar, imaginar, e prometer são verbos psicológicos que representam capacidades fundamentais do homem e que, também, apresentam dificuldades de definição por não terem um substrato empírico. Todavia, ao contrário de "belief", afirma Needham, a existência destas faculdades não é posta em dúvida. Em relação à capacidade de pensar, embora o autor não aprofunde o problema, chama a atenção para o fato de que existem muitos sinais indicando a sua realidade e poderíamos dizer que a capacidade de pensar é um pré-requisito para a comunicação entre os homens. [12] O caso de imaginar é semelhante ao de pensar mas, aqui, os indícios de que se trata de uma característica universal do homem ainda são mais palpáveis. Não há dúvida de que, quando falamos em imaginação, estamos nos referindo a um estado específico da mente e não seria difícil para nenhum ser humano exercitar a sua imaginação, a partir de qualquer objeto ou observação da realidade, conforme a sua vontade. Quanto à faculdade de prometer, apesar de não se encontrar indícios de sua manifestação ao nível do indivíduo, seria difícil visualizarmos o funcionamento de uma sociedade cujos indivíduos interagissem sem se comprometer com a realização de tarefas (ou ações), uns para com os outros, independentemente de suas vontades. Mesmo sem discriminar um tipo de experiência específica, o ato de prometer é, de certa forma, uma capacidade natural do homem, na medida em

---

11 Antes de entrar nesta discussão, o autor aponta a existência de capacidades fundamentais do homem cuja universalidade pode ser constatada empiricamente através da experiência e da observação do pesquisador. Alguns exemplos seriam os sentimentos de dor e de amor que se manifestam através de gestos, expressões faciais, tonalidades da voz, etc... (pp. 138-143).

12 É fato que os animais — que pelo menos, teoricamente, não possuem esta capacidade — também se comunicam, mas o nível de comunicação que caracteriza a humanidade não seria possível se os homens não pensassem.

que é um pré-requisito para a vida em sociedade. É um artifício criado pelo homem cuja presença se faz notar em todas as sociedades humanas.

Por outro lado, de acordo com Needham, nem todos os verbos psicológicos têm significações confusas e complicadas como as mencionadas acima.

Como vimos, o ato de crer ("believe") não caracteriza uma experiência específica, não é necessário para o funcionamento da sociedade, nem é passível de definição através de um raciocínio lógico sobre a sua utilização na linguagem. Portanto, como conclui Needham, não pode ser identificado como um traço ("resemblance") natural do homem:

> ["belief"] não é o reconhecimento de um fenômeno corporal, não discrimina um modo distinto de consciência, não tem nenhuma argumentação lógica para ser incluído num vocabulário psicológico universal, e não é uma instituição necessária para a conduta da vida social. "Belief" não constitui uma característica (resemblance) natural entre os homens. [13]

A seguir o autor questiona a viabilidade da utilização do conceito de "belief" nos trabalhos etnográficos e discute as implicações que isto pode trazer para o entendimento das sociedades estudadas.

Na realidade a pergunta subjacente à investigação de Needham diz respeito à suposta homogeneidade da mente humana, que se transformou num axioma das ciências sociais. Para questionar esta posição o autor recorre à obra de Lévy-Bruhl sobre a lógica do pensamento (mentalidade) primitivo, destacando a importância dos problemas levantados pelo discípulo de Durkheim. De acordo com Needham, Lévy Bruhl não acreditava que a estrutura mental dos "primitivos" fosse diferente da nossa nem que seu pensamento fosse ilógico, apenas atribuía uma lógica diferente, que deveria ser investigada:

> ... O que ele (Levy-Bruhl) queria mostrar era que, a despeito da identidade estrutural de todas as mentes humanas, como ele coloca, existiam certos princípios do pensamento primitivo

[13] "It is not the recognition of a bodily phenomenon, it does not discriminate a distinct mode of consciousness, it has no logical claim to inclusion in a universal psychological vocabulary, and it is not a necessary institution for the conduct of social life. Belief does not constitute a natural resemblance among men" (p. 151).

> os quais diferiam dos nossos a tal ponto que nossa psicologia e nossa lógica tradicionais eram impotentes para explicá-los... [14]

Para exemplificar as idéias do pensador francês, Needham utiliza a famosa lei da participação que, em última instância, traz consigo uma crítica ao nosso conceito de experiência e à sua utilização no estudo das sociedade primitivas. Em linhas gerais, de acordo com Levy-Bruhl, os "primitivos" não fazem o mesmo corte epistemológico, fortemente marcado em nossa sociedade, entre experiência (no sentido de teste, realidade positiva) e "belief" (em relação ao místico e ao sobrenatural). O que, para nós, é tido como uma experiência mística (irreal), para eles pode estar no mesmo plano de realidade que os fatos e fenômenos empiricamente comprovados pela nossa ciência.

A crítica de Levy-Bruhl se refere ao perigo da aplicação imediata de nosso aparato conceitual no estudo de sociedades (povos) primitivas que, nem sempre, representam a sua "experiência" a partir das mesmas categorias utilizadas por nós. Neste sentido, põe-se em questão a suposta imparcialidade da análise formal e, como assinala Needham, sugere-se uma mudança de perspectiva nos trabalhos etnográficos:

> Este estímulo transfere a responsabilidade de julgamento da análise externa para a compreensão interna... [15]

Neste momento, a análise de Needham assemelha-se à postura de Dumont analisando o sistema de castas da Índia (1972, pp. 36-7), embora o objeto de pesquisa das duas investigações não seja exatamente o mesmo. A importância da compreensão interna do sistema de pensamento e dos valores do universo estudado está presente em ambos os estudos onde o "modelo nativo" é um dado fundamental e um pré-requisito para uma explicação satisfatória do objeto pesquisado. Além disto, notamos, também, a preocupação com o movimento de retorno para nossos valores e/ou conceitos implícitos nesta perspectiva; no caso exemplificado por Needham (sobre a posição de Levy-Bruhl), uma reavaliação do nosso conceito de experiência e, em relação ao trabalho de Dumont, um melhor equacionamento

---

[14] "... What he was concerned to show was that in spite of the structural identity of all human minds, as he put it, there were certain principles of primitive thought which differed from our own to such a point that our traditional psychology and logic were powerless to explain them..." (p. 164).

[15] "This stimulation transfers the burden of judgement from external analysis to internal comprehension..." (p. 174).

dos nossos valores de democracia, igualdade e liberdade. Por outro lado, enquanto Dumont propõe um questionamento de nossos valores, através de uma abordagem comparativa, para possibilitar uma melhor compreensão de nossa sociedade, Needham, como veremos mais adiante, tem uma posição mais pessimista e conclui o seu trabalho afirmando a impossibilidade de compreensão da experiência humana (p. 246).[16]

Depois de colocar o problema levantado por Levy-Bruhl e de relacioná-lo com a estrutura lingüística, apoiado nos trabalhos de Benveniste sobre o pensamento grego,[17] Needham parte para uma posição de extremo relativismo, bloqueando todas as possibilidades e alternativas de conhecimento da experiência humana. Embora ressalve que não se deve permitir a absolutização de qualquer metodologia neste tipo de estudo (p. 203), o autor não percebe que o outro lado da moeda — o relativismo —, se levado às últimas conseqüências, como ele faz, implica numa absolutização dos problemas encontrados no processo de conhecimento do objeto que, em última instância, preconiza o imobilismo.

Cabe esclarecer que a posição de Needham é mais radical em relação às categorias psicológicas em oposição às categorias sociais, pois, enquanto estas podem ser estudadas em relação às instituições e fazem parte de um sistema, possibilitando a constituição de critérios formais de análise, aquelas não se definem pelos mesmos critérios e não permitem a elaboração de um sistema metodológico formal que dê conta de todas as suas manifestações (p. 187). Isso, se não marca o relativismo de Needham, pelo menos, define o seu estilo absolutista: se somos aptos a formalizar, sabemos; se não logramos formalizar, não chegaremos a qualquer conhecimento.

A conseqüente absolutização dos problemas que atribuímos a Needham é uma característica sistemática de sua reflexão ao longo do livro; está presente na sua tentativa de estabelecer critérios para definir "belief", na sua análise sobre o status conceitual de "belief", e chega ao ápice na sua discussão final sobre a linguagem

---

16 Gostaríamos de lembrar, como, aliás, assinala Needham, que esta não é a conclusão de Levy-Bruhl. Segundo o autor francês, as "leis do pensamento primitivo podem ser compreendidas e devem ser estabelecidas".

17 Neste trabalho, Benveniste chega à conclusão de que as categorias aristotélicas refletem a estrutura de classes de uma língua particular (Needham, 1972, p. 209).

enquanto objeto e instrumento de investigação das capacidades essenciais do homem.

Depois de mostrar a importância da língua como objeto e instrumento de investigação para a apreensão das capacidades essenciais do homem, Needham apresenta barreiras intransponíveis para o conhecimento. É certo que qualquer tradução traz prejuízos em relação à versão original e que isto se agrava quando atribuímos a um grupo social uma capacidade mental que ele não possui (o caso de "belief"). Mas Needham vai mais longe. Segundo o seu raciocínio, mesmo quando restringimos o significado de "belief", por exemplo, explicitando, exatamente, o que queremos dizer com isto, cria-se um duplo problema: a) embora tenhamos percebido, corretamente, o fenômeno pesquisado e julguemos procedente a utilização do conceito ("belief") na sua caracterização, dentro dos limites estabelecidos por nós, não podemos impedir que o leitor, devido à grande confusão em torno da definição do conceito e à amplitude do campo em que atua, deixe de identificar no fenômeno características e significações que não atribuímos a ele; b) por outro lado, se procuramos encontrar no fenômeno uma experiência ou um significado específico, semelhante ao que encontramos em nossa sociedade, mesmo que esta experiência também seja vivida pelos indivíduos da sociedade pesquisada, este esforço de identificação impede a apreensão de outros aspectos, — como se uma parte da realidade permanecesse encoberta para o pesquisador —, empobrecendo a descrição etnográfica e a análise do objeto. Apesar destas observações serem pertinentes, seria absurdo (ou mesmo impensável) abdicarmos, totalmente, de nosso aparato conceitual para realizarmos nossas pesquisas e comunicarmos seus resultados. Contanto que tenhamos consciência dos problemas apontados por Needham, podemos chegar a resultados satisfatórios em nossas pesquisas e reduzir, sensivelmente, a margem de confusões deste gênero na comunicação de seus resultados.

Todavia, o relativismo de Needham não pára aí e a transcrição de um trecho do final do livro nos dá uma boa idéia dos enigmas a que estamos sujeitos, se seguirmos as conclusões do autor:

> Devemos estar convencidos, pela analogia e experiência, pela lógica e experimento, que existem tais universais da natureza humana; mas, quando tentamos estabelecer quais são eles, nossas descobertas são, inevitavelmente, tendenciosas ou ganham conotações estranhas pelos termos da língua na qual são formulados. Estes obstáculos são suficientes para impedir

> sucesso da empresa, mas existe ainda, uma outra fonte de impedimento, a saber, a dúvida e a incerteza na significação nas palavras de nossa própria língua... [18]

e mais adiante, citando Wittgenstein;

> ... Filosofia é uma batalha contra o enfeitiçamento do nosso entendimento por meio de nossa língua. [19]

Desta forma, se a linguagem não representa com eficiência nossos pensamentos, sentimentos e idéias — pois, como assinala o autor, o conhecimento do significado das palavras não é fundamental para a comunicação, devido à capacidade do homem de construir símbolos (p. 242, citando Wittgenstein) —, não se pode contar com ela (a linguagem) para a compreensão da experiência humana. De resto, a conclusão final do autor, quanto à impossibilidade de compreensão da experiência humana, é perfeitamente coerente com a reflexão desenvolvida ao longo do livro, embora discordemos dela. Pois, como já dissemos, a absolutização dos problemas que enfrentamos nesta área do conhecimento, além de distorcer a realidade (atribuindo uma importância e um alcance desmedido a estes problemas), nos leva a um relativismo radical e improdutivo.

Para finalizar, gostaríamos de lembrar alguns pontos enfatizados pelo autor e que nos parecem relevantes para qualquer trabalho etnográfico:

- — a importância do conhecimento da língua nativa;
- — a nossa ignorância sobre as "capacidades essenciais do homem";
- — as vantagens da atitude de "nativité" perante o objeto de pesquisa;
- — as vantagens da compreensão interna do objeto (antes de se fazer inferências sobre ele), ou, a importância do modelo nativo na explicação do antropólogo.

---

[18] "We may be convinced by analogy and experience, by logic and experiment, that there are such universals of human nature; but as soon as we try to state what they are, our findings are inevitably biassed or given extraneous connotations by the terms of the language in which they are formulated. These are obstacles enough to the success of the enterprise, but there remains yet a further source of hindrance, namely the doubtfulness and uncertainty in the signification of the words of our own language..." (p. 224).

[19] "... Philosophy is a battle against the bewitchment of our understanding by means of our language." (p. 226).

BIBLIOGRAFIA

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*, Londres, Paladin, 1972.